

POR UM FAZER GEOGRÁFICO EMANCIPATÓRIO

Manuela Vieira Blanc¹

QUEIROZ FILHO, Antonio Carlos. **Corporema**: por uma geografia bailarina. 1 ed. Vitória, ES: Antonio Carlos Queiroz Filho, 2018.
ISBN: 978-85-924688-0-4.

A palavra é um corpo em movimento que provoca a experiência com e no mundo, com e no outro: experiência com e no contato

(Antonio Carlos Queiroz Filho, Corporema, p. 332).

Na busca por uma geografia da sensibilidade, da poética e da experiência, Queiroz Filho nos leva pelas rotas de fuga que encontra na poesia, na fotografia e na dança em seu caminho por uma geografia bailarina. O autor parte deste modo de um fazer humano **que não se contenta** e que se define, quando muito, pela inquietude. Essa geografia, bailante nas páginas da obra Corporema, nasce do exercício de problematização do próprio humano, compreendendo a vida como “atributo do dizer, enquanto atributo da conexão da linguagem-experiência” (p. 29), produzindo um saber que se assume contingente, mas que se expande enquanto inspiração a um novo fazer geo-gráfico.

Deste modo, o autor nos convida a olhar para o corpo como a primeira geografia, em um exercício analítico no qual a dança é um dispositivo que produz esse corpo experiencial, partindo das narrativas da experiência cidadina, em contraposição às generalizações epistemológicas de uma Geografia com “G” maiúsculo. Nesta proposta, se esse corpo geográfico é feito de pele-experiência, mapa de mobilizações e transgressões no qual “a dança é, sobretudo, agenciamento de fluxos e forças” (p. 322), e é através desse bailar reflexivo que a obra exala poesia, rasura paradigmas e propõe a produção de um conhecimento a partir do processo de afetação experimentado pelo próprio autor em seus habitares.

¹ Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, coordenadora do Grupo de Pesquisa Cidades, Espaços Públicos e Periferias e Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Rasuras. manuela.blanc@ufes.br.

✉ Avenida Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória, ES. 29075-910.



Para download pelo google drive: <http://bit.ly/corporema>.
Para download pelo AcademiaEdu: <http://bit.ly/academiae-ducorporema>

Essa geografia bailarina tem a cidade como lugar, a dança como modo de agenciamento de um corpo produtor de narrativas de experiência e a própria cidade como produto das narrativas do corpo. Assim, poemas, trechos de música, fotografias e narrativas pessoais, apropriadas pelo autor de outros artistas, ou produzidas por ele mesmo a partir das suas experiências, nos embalam ao longo do livro, com a doçura de um texto que flui levemente e com a acidez dos embates que ele lança, assumidamente.

Geógrafo, cineasta, poeta e aprendiz de bailarino, o autor em suas múltiplas facetas, teóricas e artísticas, nos convida a desaprender e descomeçar, desnaturalizando as fronteiras de sua própria ciência, lançando mão de um fazer científico que coloca os próprios parâmetros de construção do conhecimento em questão. Descomeço que é desconstrução e que dói, porque afeta ao expor as dores da sua própria afetação. É no encontro com a dança e na experiência de afastamento da sua zona (geo)sensível de conforto que ele mesmo se desfaz para se refazer, ao tornar-se bailarino, como pesquisador. Na construção desse corpo que dança se desconcerta esse corpo que pensa, dando vida a uma geo-grafia através de um dizer-humano.

O livro assim nos convida a questionar a **pluralização irresistível** da cidade, ou uma visão desta que coloca em último plano os pontos de vista unitários. Com base em John Urry, Queiroz denuncia que estaríamos diante de uma multiplicidade discursiva que sustenta um paradigma da mobilidade, nada além de uma **alegoria do pensamento/ imaginação espacial**, mas que também pode ser pensada como um “fenômeno agenciador da experiência cidadina contemporânea” (p. 56) e que se constitui como um novo horizonte, caracterizado pela profusão das imagens e informações, estas se confundindo com a própria experiência. O autor busca assim, também através de Gianni Vattimo e Jacques Rancière, uma emancipação de uma estrutura da

dominação e da sujeição, um dizer-cidade que seja emancipatório. Essa cidade, portanto, é aqui entendida como **potência menor**, produto dos encontros entre corpos experienciais. Inspirado em Michel Agier, essa virada se dá pela busca do que faz a cidade, em detrimento da pergunta por aquilo que ela é.

Assim, Queiroz Filho desenvolve a sua poética do habitar a cidade como “potencialidade combativa diante do fluxo de passividade, automatismo e repetição, ou seja, contra a mera reprodução de uma experiência do viver metropolitano mecanizado” (p. 60). E encontra, em Doreen Massey (2008), a inspiração para questionar a tendência de se pensar o espaço como superfície, paisagem única, construída e vendida através das imagens produzidas sobre a cidade. Nesse esforço por entender o desdobramento de políticas da visualidade e da corporalidade, o autor assume a tarefa de reconfigurar o próprio fazer geográfico: por “uma geografia que toma o mundo como uma potência criadora e criativa para – muitas – geografias” (p. 71).

O aprendizado da dança, enquanto parte da construção de uma experiência sensível, torna-se marco de um fluxo reflexivo em uma perspectiva analítica na qual o corpo, compreendido ele mesmo enquanto território de passagem, é a superfície sensível de experimentação de um olhar geográfico. Assim se produz uma geografia outra através do aprendizado da dança experimentado pelo próprio autor em dois exercícios de habitar a cidade, entre Braga, em Portugal, local de realização do seu estudo pós-doutoral, e Vitória, Brasil, sua **casa**. Essa intervenção **nas maneiras de fazer** – assim como o apropriado de Jacques Rancière – perpassa a fabricação do corpo pela dança, promovendo a possibilidade efetiva de realização de outra cartografia do sensível. O reconhecimento desse corpo geográfico, finalmente, se transmuta em reflexões sobre os processos de sensibilização proporcionados pela própria transformação que a

dança nele produz, incidindo sobre uma nova forma de experienciar o mundo (e de pensá-lo) e, portanto, de construção de conhecimento sobre o habitar uma cidade.

Se apropriando dos conceitos da Geografia em favor da construção de uma grafia própria, como matéria para a produção de um conhecimento (possível) sobre esse habitar a cidade, o autor nos propõe a pensar a própria pele como mapa, mapa este atravessado por subjetividades. Mais do que **apenas possível abarcar com a visão** (como em Milton Santos), é superfície de dupla afetação, paisagem experimentação, **grafia do estado de alma** (como em Fernando Pessoa, em “O Cancioneiro”).

Esse corpo-paisagem é concebido como horizonte de experiências possível na construção de uma poética da dança. Se paisagem é ponte, conexão (assim como o define Eric Dardel, em “O Homem e a Terra”), é momento vivido, movimento, é uma inscrição da própria concepção de homem, destaca.

Essa geografia menor assim o é porque desterritorializada, tirada do seu lugar comum, porque politizada em sua defesa do sensível como ferramenta de construção de uma modalidade de compreender o mundo. Nela não há sujeito, mas agenciamentos coletivos de enunciação. Esse corpo-território, que é lugar de cruzamentos, constrói atos cartográficos, é o corpo-lugar contextual a partir do qual se compõe uma geografia “finita, imanente, contingente” (LARROSA, apud p. 167), é superfície de experimentação que inspira a construção de um novo olhar sobre os espaços habitados, uma geografia menor.

“Habitar o lugar que é, sobretudo, um habitar o corpo” (p. 178), destaca, então é a partir das afetações que esse corpo experimenta que esse habitar é pensado. A dança aqui serve como matéria a potencialização dessas práticas de experimentação, recurso ao desaprendizado sobre o próprio corpo, corpo esse que é o mapa

através do qual se estabelecem encontros e se constroem percursos reflexivos.

Através de uma cartografia corpórea dos afetos, o próprio autor experimenta modos de habitar esse corpo e as cidades que o afetam, sendo por ele também afetadas. O próximo é aqui o sensível, o prazeroso, se opondo ao distante triste, carente de empatia e calor (humano). Essa cartografia urbana é ato coreográfico, em Braga experimentado em sua solidão, indiferença e tristeza e, no Brasil, vivido como uma experiência do corpo como um mapa intensivo: político, poético, que utiliza como fonte aquilo que foi absorvido, ou repelido; **que reverbera sensações e afetos**.

Mais do que se propor a definir as modalidades de experiências cidadinas características a essas duas cidades, Queiroz nos convida a *souté*: a dar um salto e a tirar do chão os pés e o nosso próprio modo de pensar a construção do conhecimento sobre a experiência urbana. Para tanto, não basta reconhecer as múltiplas grafias com as quais se escreve a experiência cidadina, sendo fundamental lançar os holofotes sobre efeitos que produz, sobre aquilo que incide sobre o estar no mundo e que é necessariamente contingencial, em primeira e última instância. Assim ensaia coreografar um caminho oposto a tudo aquilo que o pensamento hegemônico sobre a cidade busca enquadrar, e que por isso reduz, simplifica e impessoaliza. Essa geografia sensível se assume como menor ao conferir destaque para a grandiosidade das experiências sensíveis, dos processos de afetação que apenas o bailar sobre a cidade, circunscrito a um corpo que sente, nos permitiria compreender. Ao rejeitar assumir a posição daquele que propõe um novo paradigma, Queiroz, em sua capacidade de expressar sua própria afetação através de recursos que em muito extrapolam o mero academicismo, nos inspira a uma desaprendizagem que muito ensina. ☺